

A universidade pública e a sociedade

MARCO ANTONIO ZAGO

Fido Nesti

As universidades públicas do Estado de São Paulo estão diante de um desafio quase insuperável. Anualmente, cerca de 460 mil jovens (380 mil do ensino público e 80 mil do privado) terminam o ensino médio no Estado e pouco mais de 20 mil deles são acolhidos pelas três universidades públicas estaduais — USP, Unesp e Unicamp.

Juntamente com o ensino técnico do Centro Paula Souza (Fatecs) e as três universidades federais — Unifesp, UFABC e UFSCar —, o ensino público oferece 43.534 vagas e não atende a mais do que 12% dos jovens paulistas. Os demais têm de utilizar o ensino privado se desejarem cursar uma carreira de nível superior, além dos jovens de outros Estados, que buscam em São Paulo uma oportunidade para estudar e trabalhar.

Esse quadro desperta três questões que interessam aos cidadãos paulistas. Como as universidades e os governos federal e estadual responderão à demanda crescente por qualificação profissional em um mundo em que o conhecimento é a principal fonte de riqueza para sustentar o desenvolvimento econômico e social?

Devem as universidades ampliar significativamente o número de vagas, com risco de perda de qualidade ou de se converterem em gigantes ineficientes?

Ou deveriam as três universidades paulistas reforçar sua vocação para o ensino de pós-graduação e pesquisa, confiando que outra solução será encontrada para atender à necessidade de formação de maior número de profissionais para sustentar o desenvolvimento do país? Qual seria essa outra solução: aumento das vagas de instituições federais no Estado ou a criação de outra universidade estadual focada na tarefa de formação profissional?

A segunda questão diz respeito à inclusão social e racial, necessária não apenas por uma questão de justiça social, mas também para aproveitar plenamente os talentos dos jovens. Embora lentamente, a inclusão social na USP evoluiu — a porcentagem de alunos oriundos do ensino público cresceu de 28% a 32% entre 2008 e 2014 —, mas progresso mais vigoroso exigirá duas medidas: modificações do processo de acesso, o que está em avaliação, e aumento do apoio aos estudantes universitários mais pobres.

Esses recursos terão que ser responsabilidade da sociedade, e não das próprias universidades, pois a USP já despende R\$ 150 milhões por ano para esse fim.

O terceiro aspecto é o financiamento e a gestão das universidades.



As universidades estaduais de São Paulo precisam rever seu papel. Elas deveriam, por exemplo, reforçar sua vocação para pós-graduação e pesquisa?

Em 2013, o governo paulista transferiu para as três universidades do Estado o valor de R\$ 8,3 bilhões. Na USP, isso corresponde à média de R\$ 47 mil por aluno por ano, que está sendo integralmente utilizado para pagar salários.

Para cumprir sua missão, a USP terá que promover reformas para restabelecer o equilíbrio financeiro, como o enxugamento do quadro de funcionários, para poder voltar a contratar professores necessários para ensino e pesquisa. Também terá que se desfazer de gastos que não compõem as atividades universitárias típicas e buscar novas fontes de financiamento.

Não faz parte das propostas da Reitoria considerar o pagamento

por parte dos alunos mais abastados, mas a sociedade poderia passar a exigir dos estudantes formados em universidades públicas a compensação na forma de serviços prestados à comunidade.

O quadro atual evoca a necessidade e oportunidade de as universidades reverem seu papel dentro do quadro mais amplo do ensino superior paulista, das suas relações com a sociedade, e do equilíbrio entre autonomia e "accountability" (prestação de contas).

Os mecanismos de gestão e escolha de dirigentes devem respeitar as concepções de uma sociedade democrática, sem ceder ao corporativismo. Para isso, a USP está conduzindo uma ampla revisão de seu estatuto. Nesse processo, seria muito valioso ouvir a voz e poder contar com a participação da sociedade.

MARCO ANTONIO ZAGO, 67, é reitor da USP. Professor titular da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, foi pró-reitor de pesquisa e presidente do CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.